

Conexões entre Educação Musical e o campo do Currículo

CONNECTIONS BETWEEN MUSIC EDUCATION AND CURRICULUM STUDIES

SILVIA GARCIA SOBREIRA Departamento de Educação Musical,

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (Rio de Janeiro/RJ) ▶

silviasobreira2009@gmail.com

resumo

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica na qual procura compreender como os textos publicados pela Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) vêm dialogando com os estudos do campo do Currículo. Pela proeminência da ABEM no campo da Educação Musical, foi dado destaque à sua produção. Foram analisados trinta e um exemplares da *Revista da Abem* e quatro da revista *Fundamentos da Educação Musical*, publicados entre 1992 e 2013. O estudo mostra que as conexões entre os dois campos ainda não são expressivas e que as pesquisas do campo da Educação Musical podem se beneficiar ao incorporar contribuições advindas do campo do Currículo.

PALAVRAS CHAVE: currículo de música, educação musical, história das disciplinas escolares.

abstract

This paper presents a bibliographic review made for a doctoral thesis. Its aim is to investigate to what extent papers published by ABEM overlap with Curriculum Studies. ABEM was chosen because of its prominence in the field of Music Education. Thirty-one issues of *Revista da Abem* and four of *Fundamentos da Educação Musical*, published between 1992 and 2013, were reviewed. The study shows that there is little cross-referencing in papers between the two fields. The paper concludes, in part, that Research in Music Education could gain a great deal from the contributions of the Curriculum area.

KEYWORDS: curriculum, music education, history of academic disciplines.

introdução

Este texto é tributário de tese de doutorado (Sobreira, 2012) que buscou investigar o processo cujo resultado é a lei nº 11.769/2008, sendo a participação da ABEM em tal trajetória de importância crucial. No recorte aqui apresentado, é feita a revisão bibliográfica das publicações da Associação Brasileira de Música (ABEM)¹, procurando investigar como as pesquisas difundidas neste meio vêm dialogando com o campo do Currículo. Esta revisão, porém, foi complementada com a análise dos dois periódicos publicados em 2013, não inseridos na pesquisa original.

Segundo Macedo (2001, p.132), alguns temas centrais nos estudos curriculares seriam: “história do pensamento curricular; história de reformas e propostas curriculares; história dos currículos de cursos específicos e história das disciplinas escolares”. Assim, levando em consideração que a música está sendo inserida como obrigatoriedade no currículo da Educação Básica, sofrendo um processo que pode ser considerado “disciplinarização”, creio que uma aproximação entre as áreas pode ser benéfica para os estudos relacionados à Educação Musical.

Foi analisada a produção de 31 números da *Revista da Abem* e os quatro exemplares, únicos, da revista *Fundamentos da Educação Musical*, lançados entre maio de 1992, ocasião da criação da Revista, e setembro de 2013, perfazendo um total de 393 artigos que tratam dos mais variados objetos. A publicação mais recente da ABEM - “*Música na Educação Básica*” - não foi listada para esta análise por ser uma revista com textos que apresentam exemplos práticos de atividades para orientação de educadores em suas condutas pedagógicas. Desta forma, a busca por autores que realizam pesquisas acadêmicas, tendo como enfoque questões relacionadas ao campo do Currículo², teria sido infrutífera, o que justifica a ausência deste periódico nos artigos arrolados.

A decisão de analisar as pesquisas sobre Educação Musical difundidas apenas pela ABEM e não nos programas de pós-graduação em Música surgiu a partir de levantamento feito com 37 associados³ durante o XX Congresso Anual da ABEM, ocorrido em novembro de 2011, em Vitória-ES. Nas entrevistas⁴ realizadas, foi detectado que a *Revista da Abem* vem sendo um meio bastante propício para a difusão das pesquisas da área de música nos

1. Devo explicitar que, para tese de doutoramento, também foi investigada a inserção de autores da área da Educação Musical em outras associações de pesquisa ou periódicos, como Revista OPUS, periódico oficial da ANPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música); o site da ANPEd (Associação Nacional de Educação e Pesquisa em Educação) e o banco de tese da CAPES (conjugando as palavras-chave música e currículo). A busca nestes bancos incidiu sobre o período entre 2005 e 2010. O objetivo da análise da pesquisa nesses espaços de fomento e divulgação acadêmica foi observar como o ensino de Música era contemplado em trabalhos acadêmicos para além das publicações editadas pela ABEM. Para o texto aqui apresentado, a análise foi restringida aos periódicos da ABEM.

2. Moreira (1998, p.14) refere-se ao termo “campo” como “formado por pessoas que escrevem textos a partir de limites historicamente estabelecidos e de tradições, regras e princípios que seus antecessores estabeleceram como razoáveis”. Neste artigo, são adotados como similares: campo, estudos curriculares, área e tema, embora não haja um consenso a respeito das distinções e hierarquias entre tais termos.

3. Apesar da escolha ser aleatória, 10 sujeitos entrevistados eram professores de cursos de graduação em Licenciatura.

4. O número de entrevistados foi limitado pelo tempo (três dias de congresso) e disponibilidade dos associados em conceder seus depoimentos. A análise não pode ser considerada como tendo caráter probabilístico, tampouco caracterizar um pensamento único da ABEM. Porém, as entrevistas dão suporte para exemplificar possíveis concepções e divergências que circulam entre os membros que pertencem à instituição. As gravações foram transcritas e submetidas aos entrevistados para obter a concordância dos mesmos em relação às suas falas. O material está guardado em arquivo pessoal.

cursos de graduação. A maior parte dos participantes - professores ou alunos - alegou utilizar amplamente os artigos deste periódico em sua prática. Em outras palavras, os professores relataram que indicam esta leitura em suas aulas e os demais entrevistados, em sua maioria alunos de graduação ou de pós-graduação, confirmaram a constância deste tipo de indicação por parte de seus professores em seus cursos. A causa de tal difusão pode ser a facilidade de acesso aos textos - disponíveis *online* - mas também, por sua extensão, possibilitar a leitura de trabalhos completos, o que seria mais difícil com teses e dissertações da área. Mesmo que não possa considerar que as opiniões colhidas junto aos entrevistados possam ser tidas como consensuais entre todos os membros da ABEM, creio que trazem indícios da proeminência desta entidade na formação de opinião de novos professores de Música. Além deste fato, penso também que esta publicação é um “veículo privilegiado de divulgação da produção científica em educação musical do nosso país” (Del Ben, 2007, p. 58).

Muitas das questões que ainda hoje instigam os educadores musicais já estavam presentes em épocas passadas e registradas em outras publicações. Porém, a criação da ABEM em 1991 e, conseqüentemente, do periódico *Revista da Abem*, em 1992, viabilizou a reunião de boa parte dos estudos referentes à Educação Musical em um *locus* específico que é reconhecido tanto academicamente quanto por órgãos oficiais.

Com relação à busca por conexões entre as pesquisas da área do ensino de música e aquelas ligadas aos estudos curriculares, a escolha aqui adotada pode ser justificada pelo fato da inserção da Música no currículo da Educação Básica trazer a necessidade de um maior aprofundamento de temáticas já apresentadas e debatidas dentro do campo do Currículo. Essa aproximação pode favorecer uma visão mais ampla a respeito de questões ligadas à prática pedagógica nas escolas. Portanto, a análise apresentada tem limitações impostas pela área de estudo ao qual está vinculada, a saber, “História das Disciplinas Escolares”, uma das ramificações do campo mais abrangente do campo do Currículo. Por este motivo, na próxima seção trago elementos para situar o leitor dentro do enfoque teórico aqui adotado.

algumas considerações sobre os estudos curriculares e a história das disciplinas escolares

Diversas preocupações são marcantes nos estudos da área da História das Disciplinas Escolares. Dentre elas, tenta-se responder a questões como: de que forma um determinado saber se transforma em disciplina escolar? Como uma disciplina torna-se hegemônica em um currículo escolar? Quais motivos levam uma disciplina a se modificar ao longo do tempo? Nesta área de estudo, as disciplinas escolares não são vistas como “dadas”, mas, ao contrário, representam a finalização de um processo concluído em uma situação histórica particular e com base em determinadas prioridades sociopolíticas (Goodson, 1997, p.77). A esta trajetória, Goodson denomina, baseando-se em Hobsbawn, “‘invenção da tradição’: a elaboração do currículo pode ser considerada um processo pelo qual se inventa tradição” (Goodson, 1997, p.78). Isso significa que depois de assumidas dentro do currículo, as disciplinas são apresentadas como irrefutáveis e inquestionáveis. Estudar o processo sócio-histórico que levou uma determinada disciplina a se estabelecer em um currículo desnaturaliza tal tradição.

Desta forma, o currículo é visto como o resultado de uma construção social (Young, 1982⁵). Os estudos a partir desta perspectiva tiveram início com a Nova Sociologia da Educação (NSE), campo centrado na crítica sociológica e histórica dos currículos existentes. As pesquisas que tomam como premissa a análise do conhecimento como uma construção social passaram a ser desenvolvidas a partir do impacto do lançamento da obra *Knowledge and Control*, organizada por Michael Young, no início da década de 1970 (Young, 1982). Nesse material, Young (1982, p.151) procurava compreender o modo como o conhecimento escolar era organizado e transmitido pelos programas escolares e já identificava a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre “aquilo que não passa de construção sócio-histórica de uma determinada época” (Young, 1982, p.158) e de observar que o conteúdo de ensino deveria ser analisado “como sujeito de inquérito sociológico” (Young, 1982, p.160). Neste texto clássico, o autor também chama a atenção para o fato de “como as transformações na estrutura social ou profissional podem influenciar as definições sobre a relevância do saber e, por extensão, dos profissionais de ensino” (Young, 1982, p.174), ressaltando que “as ‘matérias’ ou até [...] as grandes áreas do conhecimento como ‘Letras’ e ‘Ciências’, embora possam ser parte do mundo imutável dos educadores, têm de ser postas em causa pelos sociólogos” (Young, 1982, p.175). Segundo Lopes e Macedo (2011b, p.250), sob a influência da NSE “foi constituído, então, um programa de pesquisa potente em torno da problematização do que conta como conhecimento escolar e da busca em desnaturalizar os currículos das escolas, investigando as relações sociais que os sustentam”.

Um dos teóricos que balizaram a tese de doutorado da qual esta revisão bibliográfica faz parte foi Ivor Goodson (1990, 1995, 1997, 2001, 2005, 2007; 2008), teórico do campo do Currículo que, nas décadas de 1970 e 1980, produziu e organizou uma série de estudos sócio-históricos sobre diferentes disciplinas escolares:

A primeira conclusão é a de que as disciplinas escolares não são entidades monolíticas, mas, antes, amálgamas flutuantes de subgrupos e de tradições que, através da contestação e do compromisso influenciam o rumo das mudanças. Em segundo lugar, o processo de conquista da condição de disciplina escolar revela a evolução da comunidade disciplinar, desde a promoção de propósitos pedagógicos e utilitários até a definição da disciplina como ‘acadêmica’, com ligações aos especialistas universitários. Em terceiro lugar, o debate sobre o currículo pode ser interpretado em termos de conflitos entre as disciplinas a propósito de *status*, de recursos e de territórios. (Goodson, 2001, p. 101)

As teorias tradicionais curriculares se preocupam com questões como a organização e conteúdo a ser ensinado. Nas teorias críticas, nas quais este estudo está situado, este enfoque muda e “o quê ensinar” / “para quem ensinar”, sofre um constante questionamento. Segundo Tomás Tadeu da Silva, a questão central passa a ser “por quê?” ensinar (Silva, 2009, p.16). O autor complementa que passa também a ocorrer um deslocamento de preocupações simplesmente pedagógicas para aquelas ligadas à compreensão de como conceitos como ideologia e poder perpassam as práticas educativas (Silva, 2009, p.17).

5. O texto original foi apresentado na Annual Conference of the British Sociological Association, em abril de 1970, conforme nota de pé de página da edição traduzida e utilizada neste estudo, cuja data é de 1982.

No Brasil, as teorizações críticas começaram a ganhar força apenas após a abertura política, ou seja, durante os anos 1980. Emergem, então, nomes como Dermeval Saviani e José Carlos Libâneo, representantes da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, e Paulo Freire, com a Pedagogia Libertadora ou a denominada Educação Popular. A partir deste movimento teórico, o campo do currículo recebe a contribuição de teóricos como Antônio Flávio Barbosa Moreira e Tomaz Tadeu da Silva.

Outras influências ocorrem a partir da apropriação que autores brasileiros fizeram de teóricos como Henry Giroux, Peter McLaren, Michael Apple, Derrida, Deleuze, Foucault, Guatarri, Popkewitz, entre outros, como pode ser observado na bibliografia utilizada nas publicações aqui analisadas.

Com base no referencial teórico aqui apontado de forma geral, foi feita a tentativa de compreender a atuação e evolução daquilo que Goodson (2001, p.44) denomina “comunidade disciplinar”. Para este teórico, uma disciplina escolar é construída social e politicamente e “os atores envolvidos empregam uma gama de recursos ideológicos e materiais à medida que prosseguem as suas missões individuais e coletivas” (Goodson, 2001, p.43).

Neste sentido, norteando-me pelas construções teóricas deste autor, reafirmo que a ABEM⁶ tem representado uma das instâncias privilegiadas de embate, exemplificando “o papel que as profissões [...] desempenham na construção social do conhecimento” (Goodson, 2001, p.98). A partir desta perspectiva, foi dada prioridade à produção da *Revista da Abem*, por ser este meio considerado uma das principais expressões da “comunidade disciplinar do ensino de música”.

Apesar de ter sido encontrado pequeno volume de textos tratando do currículo de Música norteando-se por autores e concepções teóricas do campo do Currículo, é necessário ressaltar que a preocupação com o assunto por parte dos pesquisadores da área da Educação Musical pode ser detectada em muitos textos, embora usando referenciais teóricos distintos daqueles utilizados no estudo aqui apresentado. Aponto tal fato não para desqualificar obras que não usem referenciais teóricos similares aos aqui escolhidos, mas apenas por ter me apropriado de uma determinada “lente de análise” que não parece ser muito utilizada nos textos produzidos pela área da educação musical.

a produção da ABEM e os critérios de escolha para análise dos dados

De início, a procura foi empreendida pelos títulos, selecionando aqueles que contemplassem a temática do currículo. Contudo, por ser leitora do periódico, tinha conhecimento de textos que tratavam da temática. Por este motivo, decidi complementar a pesquisa procurando nas palavras-chave. Tal empreitada mostrou-se igualmente infrutífera, uma vez que o uso destas nas publicações passou a existir, apenas, a partir de 2003. Assim, além da busca pelos títulos e palavras-chave, foi feita a avaliação das referências bibliográficas,

6. Embora existam outros agrupamentos que possam ser considerados como “comunidade disciplinar do ensino de Música”, a ABEM foi escolhida para a análise por sua notada influência durante o processo que gerou a Lei nº 11.769/2008. Esta lei foi o objeto central de estudo da tese da qual este artigo é um recorte.

listando, a partir destas, os artigos e autores que citavam teóricos do campo do Currículo. Essa última opção permitiu maior alcance sobre a influência dos estudos curriculares nos pesquisadores do campo específico da Educação Musical e a inclusão de textos que não poderiam ser contemplados apenas com as duas primeiras opções de pesquisa.

Da totalidade dos 393 artigos publicados entre 1992 e 2013, foram selecionados 127⁷ que continham a palavra currículo ou similar no título ou palavras-chave, como também textos, sem menções no título ou palavras-chave, onde os autores do campo do Currículo foram citados. Em 22 artigos os termos podem ser encontrados no título ou palavras-chave. Desta totalidade, 15 mencionam teóricos do campo em suas referências. Porém, sete artigos utilizam a palavra Currículo no título ou nas palavras-chave, mas não mencionam nenhum teórico do campo do Currículo. Os 105 artigos restantes trazem menção a pelo menos um autor ou teórico de influência na área Currículo, mas não utilizam o termo no título ou nas palavras-chave.

Conforme apresentado neste primeiro quadro, ao todo, apenas 15 textos trataram, exclusivamente, da temática do currículo de música utilizando referenciais teóricos do campo, o que, apesar de incipiente, representa um alento.

Totalidade de artigos publicados	393
Totalidade de artigos selecionados para a análise	127
Artigos que contêm a palavra currículo no título ou nas palavras-chave e mencionam teóricos de reconhecida influência no campo	15
Artigos que contêm a palavra currículo ou similar no título ou palavra-chave e não mencionam teóricos de reconhecida influência no campo	07
Artigos que mencionam ao menos um autor de influência no campo do currículo	105

QUADRO 1

Quantitativo de artigos das publicações da ABEM (1992-2013) que tratam da temática relativa ao currículo.

Entretanto, a área do ensino de Música tem seus próprios autores de referência, que discutem o ensino de Música sob uma perspectiva que pode ser analisada como curricular, como é o caso de Keith Swanwick, por exemplo. Apesar de não ter sido listado como teórico específico do campo do Currículo, por ser este um campo multidisciplinar, considereirei este autor um teórico de grande impacto nas questões relativas ao currículo de Música. Por perceber a grande incidência de menções a sua obra nos artigos analisados, decidi fazer a contagem de menções a este autor, obtendo o número de 66 artigos que o citam.

7. As referências completas, com a indicação dos autores citados, títulos e palavras-chave, podem ser encontradas no endereço eletrônico: <https://www.dropbox.com/s/1b1ww83om780dd2/Tabela%20de%20textos%20da%20ABEM%20que%20contemplam%20a%20tem%C3%A1tica%20Curr%C3%ADculo%20ou%20se%20apropriem%20de%20autores%20da%20C3%A1rea.pdf>

Procurando avançar um pouco mais na análise, serão apresentadas algumas considerações sobre autores que analisam temáticas relativas ao currículo. Segundo Jardim (2008, p.1), “os debates atuais em torno da questão da presença/ausência da Música nos currículos escolares desconsideram, muitas vezes, informações preciosas sobre experiências anteriores que poderiam auxiliar o entendimento e balizar alguns contornos do problema”.

Luedy (2006, p.106), por sua vez, critica um descompasso e uma falta de diálogo entre as áreas. Na opinião deste autor, “perdemos muito ao não considerar o potencial heurístico de [...] aportes críticos e pós-críticos em educação para se repensar os processos pedagógicos em Música e suas implicações políticas, culturais e sociais”. De maneira mais contundente, ele afirma que os estudos apresentados nos periódicos da ABEM, em geral,

[...] não têm politizado suficientemente a discussão acerca da legitimação dos conteúdos em Música. Ou seja, tais trabalhos não costumam ter como centro de suas preocupações a problematização das posições enunciativas privilegiadas (que estabelecem o que conta como conhecimento curricular em Música, por exemplo) como uma função de relações assimétricas de poder. (Luedy, 2006, p.102)

Pode-se observar que, em geral, os teóricos reconhecidos no campo dos estudos curriculares não são abordados como referência central na maior parte dos artigos arrolados, aparecendo em menções ou citações pouco exploradas no que concerne às suas contribuições. Caberia, então, fazer a pergunta: quem seriam tais autores? Se for feita a comparação com outra temática, como a da formação docente, por exemplo, os nomes saltam quase que por instinto à mente: Perrenoud, Tardif, Schön, Stenhouse Zeichner, para apenas mencionar os mais citados dentro dos artigos da ABEM. Ou seja, quando se pensa em formação docente em nossa área, recorre-se, em geral, às concepções teóricas de tais autores. Mas sendo o campo do Currículo influenciado por filósofos ou teóricos de outras áreas, não se consegue estabelecer tão facilmente quais seriam as principais referências. Por este motivo, os autores aqui mencionados não foram escolhidos *a priori*, mas retirados a partir de levantamento feito junto às Referências Bibliográficas dos artigos da *Revista da Abem e Fundamentos da Educação Musical*. Embora na busca inicial a prioridade tenha sido procurar teóricos alinhados com a linha de estudos que amparou minha pesquisa de doutoramento, não pude desconsiderar outros que pudessem servir de referência nos estudos curriculares. Assim sendo, em primeiro lugar, destaco a aparição de autores⁸ ligados mais especificamente à História das Disciplinas Escolares: André Chervel, Antônio Flávio Moreira, Dominique Julia, Graham Vulliamy, Ivor Goodson, Jean Claude Forquin e Tomaz Tadeu da Silva. Sendo esta área muito influenciada por estudos de outras, também considere a incidência de teóricos e filósofos não específicos do campo, de reconhecida influência no mesmo. Desta forma, listo em ordem alfabética os autores do campo do currículo encontrados nas referências bibliográficas analisadas: Dermeval Saviani, Edgar Morin, Félix Guattari, Garcia Canclini, Gilles Deleuze, Gimeno Sacristán, Henry Giroux, José Luiz Domingues, Jurjo Santomé, Michel Foucault, Paulo Freire, Pedro Demo, Peter

8. Os autores estão listados em ordem alfabética.

Autores (em ordem decrescente pelo número de aparições)	Número de artigos em que os autores são citados
Swanwick, Keith	66
Freire, Paulo	28
Bourdieu, Pierre	24
Sacristán, Gimeno	22
Giroux, Henry	15
Saviani, Dermeval	12
Foucault, Michel	11
Moreira, Antonio Flávio	11
Silva, Tomaz Tadeu	08
Apple, Michael	07
Deleuze, Gilles	07
Forquin, Jean-Claude	07
Gallo, Sílvia	07
Santomé, Jurjo	07
Grahan Vulliamy	05
Canclini, Garcia	06
Mc Laren, Peter	06
Vulliamy, Grahan	06
Morin, Edgar	06
Goodson, Ivor	05
Hall, Stuart	05
Corazza, Sandra	04
Guattari, Félix	04
Veiga-Neto, Alfredo	04
Domingues, José Luiz	03
Ball, Stephen	02
Bernstein, Basil	02
Demo, Pedro	02
Julia, Dominique	02
Lopes, Alice Casimiro	02
Popkewitz, Thomas	02
Kemmis, Stephen	02
Carr Wilfred	02
Williams, Raymond	02
Bittencourt, Circe	01
Chervel, André	01

QUADRO 2

Lista dos autores conforme o número de vezes em que aparecem nos textos.

Mc Laren, Pierre Bourdieu, Sandra Corazza, Stephen Ball, Stephen Kemmis Stuart Hall, Thomas Popkewitz e Wilfred Carr. Apesar de esses autores terem perspectivas teóricas distintas e, às vezes, divergentes, são reconhecidos como referências dentro dos estudos curriculares (Jaehn, 2011, p.47).

É necessário ressaltar, mais uma vez, que a análise apresentada a seguir traz limitações, pois implica na dependência do campo escolhido para este estudo. Contudo, conforme demonstrado acima, autores que não estão diretamente ligados à linha de pesquisa adotada foram incluídos.

O quadro dois mostra a listagem dos teóricos do campo do currículo, conforme o número de aparições nos textos. Não está sendo listado o número de obras que constam nas referências bibliográficas de cada artigo, mas a incidência dos autores nos textos. Assim, se um autor teve duas obras citadas dentro do mesmo artigo, sua aparição foi computada apenas uma vez.

análise dos dados

Dentro de toda a produção dos 393 artigos analisados, Swanwick, autor que pode ser considerado de grande influência nas propostas curriculares do ensino de Música no Brasil, é mencionado em 66 artigos. Contudo, em se tratando de teóricos de influência no campo do Currículo, os três autores mais citados nos artigos analisados aparecem em número expressivamente menor: Paulo Freire, 28; Pierre Bourdieu, 24 vezes; e Gimeno Sacristán, 22. Ou seja, é necessário somar as menções a esses três autores mais citados para se obter um número próximo (74) às apropriações de Swanwick (66).

Antonio Flávio Barbosa Moreira, Tomás Tadeu da Silva, Silvio Gallo, Antônio Veiga-Neto, Alice Casimiro Abreu e Elisabeth Macedo são autores de renomada atuação e presença constante nas referências bibliográficas de estudos brasileiros sobre questões curriculares (Jaehn, 2011, p.111). Entretanto, eles aparecem em uma quantidade pouco significativa nos textos relativos ao currículo de Música. O material levantado indica que os pesquisadores da Educação Musical têm dado preferência a teóricos mais ligados ao campo curricular da Música. As numerosas apropriações da obra de Swanwick nos textos da *Revista da Abem* indicam que alguns conceitos e pressupostos predominantes na área podem estar ligados às ideias deste autor. Apesar de não ser possível afirmar que exista uma homogeneização de linhas de pensamento, mesmo porque as pesquisas sobre o ensino de Música estão divididas em diversas subáreas, não se pode desconsiderar a influência deste teórico na área da Educação Musical brasileira.

A partir deste ponto, os comentários estarão concentrados nos artigos que citam teóricos ligados à História das Disciplinas Escolares.

Ivor Goodson é mencionado em cinco artigos, embora dois destes tratem mais especificamente da formação docente, não utilizando suas contribuições para a História das Disciplinas Escolares. É necessário ressaltar as menções a Jean Claude Forquin (sete artigos), Dominique Julia (dois artigos) e André Chervel (um artigo). Por outro lado, Vulliamy, cuja pesquisa sobre o ensino de Música é analisada por Forquin (1993) em *Escola e Cultura*, é citado

cinco vezes. Vulliamy trata especificamente do currículo musical e aponta a hierarquização de certas maneiras de fazer música e a legitimação da música europeia escrita. Para este autor, “o papel de uma sociologia do ensino musical seria o de analisar os mecanismos propriamente pedagógicos pelos quais a instituição escolar contribui para a perpetuação desta estratificação” (Vulliamy *apud* Forquin, 1993, p.104).

As apropriações de Forquin, representado em sete artigos, não podem deixar de ser comentadas. Contudo, seus textos mais difundidos e conhecidos no campo do Currículo não são mencionados⁹ nos textos aqui selecionados. Por outro lado, autores dos textos analisados dialogam com reflexões a respeito do estudo da Música contidas em “Educação Artística - para quê?” (Forquin, 1982), que nunca é mencionado em artigos de pesquisadores do campo do Currículo. Pela pertinência com que o autor fala sobre o ensino de Música, suspeito que ele tenha ligação com esta área, razão pela qual compreendo as apropriações específicas deste teórico pelos pesquisadores do campo da Educação Musical.

Dos textos que fazem explícita referência a Ivor Goodson, e que, portanto, se aproximam do referencial teórico que balizou este estudo, Vanda Freire cita o autor em dois textos (1996, 2001) e alinha suas ideias com a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, identificando “o currículo como um espaço contestado ou de conflito” (Freire, 2001, p.69) ou “entendido como conhecimento corporificado e construção social” (1996, p.22). No texto de 1996 (p.22), tratando do currículo da pós-graduação em Música no Brasil, a ênfase de Freire recai sobre a “produção do conhecimento em Música”, ressaltando as relações entre currículo e estrutura social, poder, cultura e ideologia. Com relação à apropriação das teorizações de Goodson, neste texto a autora faz menção apenas às relações que este autor estabelece entre a ordem estrutural do Calvinismo e o currículo e as disciplinas escolares (Freire, 1996, p.27). No texto de 2001, ao abordar o uso da apreciação musical como atividade em sala de aula, a pesquisadora também não se apropria das hipóteses principais de Goodson, mas lhe faz referência em sua crítica ao destacar o privilégio da música erudita como componente curricular principal (Goodson, 1995, p.25). Freire aponta as discrepâncias de um ensino que “tem se incumbido de conservar, sem criticar, essas concepções discriminatórias, como a dicotomia música erudita/música popular” (Freire, 2001, p.70).

Outro texto que faz referência às teorizações de Ivor Goodson é o de Neide Esperidião (2002, p. 69). A autora busca compreender o currículo de Música “a partir de uma reflexão fundamentada nas teorias curriculares e na contextualização histórica, social, educacional e política do Brasil”. Preocupada com o caráter tecnicista do ensino de Música, a pesquisadora alega que este tipo de ensino não permite “uma educação musical que contemple o indivíduo como um ser atuante, reflexivo, sensível e criativo” (Espiridião, 2002, p.70). Nas apropriações das ideias de Ivor Goodson, a autora menciona o mesmo que Vanda Freire, ou seja, a crítica a um modelo curricular de ensino que prioriza a música erudita, acrescentando que nesta escolha existe uma relação que reflete um conflito de classe e de prioridades sociopolíticas.

9. Refiro-me aos artigos “Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais” (Forquin, 1992), “O currículo entre o relativismo e o universalismo” (Forquin, 2000), publicados pelos periódicos *Teoria e Educação*; também *Educação e Sociedade*, respectivamente. Entretanto, *Escola e Cultura* (Forquin, 1993) é mais conhecido entre os educadores musicais.

Ilza Joly (1998) produz um texto que também menciona Ivor Goodson, mas o faz com o explícito objetivo de analisar a narrativa dos professores como fonte de pesquisa. Nessa mesma linha, encontra-se o trabalho de Francile Anezi e Luciane Garbosa (2013, p.79) que prioriza o professor como “protagonista dos processos educativos”. Ou seja, tratam-se de estudos mais ligados à formação docente.

Outros autores apresentam algum tipo de tentativa de se aproximar de estudos e autores do campo do Currículo, a saber, para além do ensino de Música. Andréa Dantas (2001) traz o questionamento sobre alternativas ao modelo disciplinar. Seu principal referencial teórico é Gilles Deleuze e Félix Guattari. Luciana Requião (2002) apresenta a questão da formação do professor de Música, apontando que a seleção dos conteúdos contemplados no currículo não é neutra. Além de Alice Casimiro Lopes, a autora também menciona Antonio Flávio Moreira, autor brasileiro conceituado no campo do currículo, para destacar “a tensão entre a legitimidade dos saberes, da seleção cultural, do debate sobre os critérios que as instituições utilizam para contemplar determinados repertórios e excluir outros” (Requião, 2002, p.62).

Com relação aos autores que se enquadram em uma linha de pesquisa no campo da História das Disciplinas Escolares, uma das ramificações dos estudos curriculares, deve ser dado destaque ao trabalho de Vera Gomes Jardim (2009), o qual se baseia nas proposições de André Chervel para ressaltar a importância dos estudos históricos sobre o currículo e as disciplinas escolares. A autora afirma que “a relevância dos estudos sobre a História das Disciplinas Escolares é a possibilidade de compreender a escola em sua própria dinâmica, identificando as relações com a cultura geral, com a sociedade e com a construção do conhecimento” (Jardim, 2009, p.16).

Outra aproximação entre o campo do Currículo e o ensino de Música é feita por Sonia Ribeiro (2000), que assume o fato de o currículo ser culturalmente produzido (Ribeiro, 2000, p.60). A autora trata das relações entre cultura e conhecimento escolar, temas caros às teorizações curriculares, operando conceitos desenvolvidos por Geertz para o qual “a cultura é um ingrediente essencial na existência da produção humana” (Ribeiro, 2000, p.60), fazendo a aproximação entre este autor e Paulo Freire, que afirma: “existem culturas dominantes e subordinadas capazes de expressar diversificados interesses e operar a partir de espaços de poder diferentes e desiguais” (Paulo Freire *apud* Ribeiro, 2000, p.60). Dentro desta perspectiva, Ribeiro apropria-se das considerações centrais da análise crítica e sociológica do currículo para compreender o processo de formação do significado de cultura e do desenvolvimento da produção do currículo de Música. Ressaltando que o currículo é uma construção social desprovida de neutralidade, a pesquisadora embasa-se nas teorizações de Antonio Flávio Moreira, Michael Apple, Basil Bernstein, Pierre Bourdieu, Jean Claude Forquin e Henry Giroux, entre outros, para relacionar o campo de produção, distribuição e avaliação de conhecimento às questões de “controle, dominação, ideologia e realidade cultural” (Ribeiro, 2000, p. 62). De cunho eminentemente crítico, seu trabalho ressalta a necessidade da comunidade acadêmica ligada ao ensino de Música fazer um esforço consciente para incorporar o “debate da produção curricular em Música, em bases sociais e multiculturais, de pensamento crítico e reflexivo” (Ribeiro, 2000, p.63).

O trabalho de Eduardo Luedy Marques (2011)¹⁰ busca reconhecer um “discurso acadêmico em Música” no qual se refletiria um regime de verdades a respeito do que “deveria valer como cultura e, conseqüentemente, do que se teria como legítimo de ser ensinado e de constar

como conhecimento curricular” (Marques, 2011, p.47). Em seu estudo, o autor capturou, por meio da fala de professores de uma determinada instituição de ensino superior, que estes tinham uma “concepção cultural conservadora e de cariz modernista” (Marques, 2011, p.50). O pesquisador se baseia em premissas que refletem influências dos estudos do campo do Currículo ao assumir que “[...] a ordem dos saberes em Música, seu estatuto e fundamento epistemológico são construções sociais e históricas, politicamente comprometidas” (Marques, 2011, p.50).

considerações finais

Conforme pode ser observado, no levantamento bibliográfico aqui apresentado, ainda são escassos estudos que conjuguem a Educação Musical e as teorizações do campo do Currículo.

Numa análise preliminar, apenas pela observação das referências, verificou-se que os artigos publicados na *Revista da Abem* são citados com muita frequência. Embora essa afirmativa careça de confirmação mais rigorosa, há indícios de coesão interna desta comunidade acadêmica, sinalizando que os pesquisadores têm se apropriado de pesquisas da área. Por outro lado, pode implicar em um movimento endógeno que tende a limitar novos olhares.

Creio que, com os fatos mais recentes ligados ao ensino de Música nas escolas, as pesquisas da área da Educação Musical podem se beneficiar de uma maior aproximação das contribuições advindas do campo do Currículo. Se o ensino de Música está sendo inserido no currículo da educação brasileira de forma obrigatória, não se pode desconsiderar a existência de todo um debate acadêmico que vem se debruçando sobre estas questões de maneira crítica desde o final dos anos 1960. Isso evitaria que caminhos já trilhados fossem refeitos. Afinal, o extenso número de pesquisas deste campo trata de temáticas que passarão a ser objeto de nossas preocupações, uma vez que essa escola em que estamos adentrando apresenta peculiaridades e exigências específicas, distintas do ensino de música tradicional feito nos estabelecimentos especializados.

Isso não significa que a área da Música não possua extensa discussão sobre a temática, que é estudada à luz de referenciais teóricos distintos, conforme já comentado outras vezes neste texto. No entanto, julgo ser necessário apontar caminhos para que outras contribuições tragam maior fôlego e avanço teórico para a área da Educação Musical.

referências

ANESI, Franciele Maria; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Memórias de formação musical e construção docente de Monica Pinz Alves. *Revista da Abem*, v.21, n.31, Londrina: Abem, p.77-90, 2013.

BALL, Stephen. *Palestra*: “The Policy Cycle/policy analysis”, em 09 de novembro de 2009 e organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED). Disponível em: < <http://kaxinawa.wordpress.com/palestras/stephen-ball/>>. Acesso em: set. 2011.

BALL, Stephen; MAGUIRE, Meg. Discursos da reforma educacional no Reino Unido e Estados Unidos e o trabalho dos professores. *Práxis Educativa*, v.2, n.2, Ponta Grossa/ PR, p. 97-104, jul.-dez., 2007.

_____. What is policy? In: *Education Policy and Social Class*. The selected works of Stephen Ball. London; New York: Routledge, 2006, p. 43-53.

BALL, Stephen; BOWE, Richard; GOLD, Anne. *Reforming Education & changing schools*. Case Studies in Policy Sociology. London; New York: Routledge, 1992.

DANTAS, Andréa Stewart. O tamborim e seus devires nas linguagens dos sambas de enredo. *Revista da Abem*, v.6. Porto Alegre, p.17-34, set., 2001.

DEL BEN, Luciana. Produção científica em educação musical e seus impactos nas políticas e práticas educacionais. *Revista da Abem*, v.16. Porto Alegre, p.57-64, mar., 2007.

ESPIRIDIANO, Neide. Educação Profissional: reflexões sobre o currículo de graduação da Escola de Música da UFMB. *Revista da Abem*, v.7. Porto Alegre, p. 69-74, set., 2002.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura. O currículo entre o relativismo e o universalismo. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n.73. Campinas, dez., 2000.

_____. *As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médias, 1993.

_____. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, v. 5, p. 28-49, 1992.

_____. A Educação Artística- Para quê? In: PORCHER Louis (Org.). *Educação Artística, luxo ou necessidade?* 5ª ed. São Paulo: Summus, 1982, p. 25-48

FREIRE, Vanda Bellard. Currículos, apreciação musical e culturas brasileiras. *Revista da Abem*, v. 6. Porto Alegre, p.69-72, set., 2001.

_____. A relação graduação-pós-graduação em Música ou um caso de diálogos e confrontos. *Fundamentos da Educação Musical*, nº 3. Porto Alegre: Abem. p. 22-33, jun.,1996.

GOODSON, Ivor. *As políticas de currículo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Currículo, narrativa e o futuro social. *Revista Brasileira de Educação*, v.12, n.35, mai.-ago., 2007.

_____. *O currículo em mudança*. Porto: Porto Editora, 2001.

FREIRE, Vanda Bellard . Becoming an academic subject. In: *Learning, Curriculum and Life Politics*. London; New York: Routledge, 2005, p. 52- 68.

_____. *A Construção Social do Currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

_____. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. *Teoria e Educação*, v.2. Porto Alegre, p. 230-254, 1990.

JAEHN, Lisete. *Conhecimento e poder na história do pensamento curricular brasileiro*. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (SP), Faculdade de Educação, Campinas. 2011. Disponível em: <<http://acervus.unicamp.br>>. Acesso em 11 julho 2014.

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. *Da arte à educação: a música nas escolas públicas 1838-1971*. Tese (Doutorado em Educação-História, Política e Sociedade). São Paulo: PUC/SP, 2008.

_____. Institucionalização da profissão docente - o professor de música e a educação pública. *Revista da Abem*, v. 21. Porto Alegre, 15-24, mar., 2009.

JOLY, Ilza Zenker Leme. A história de vida de uma professora de música como elemento formador de novos educadores musicais. *Fundamentos da Educação Musical*, Série Fundamentos, 4. Salvador: Abem, p.290-298, out., 1998.

LOPES, Alice Casimiro. *Políticas de Integração Curricular*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. Discursos nas políticas de currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.2, p.33-52, Jul/Dez 2006. Disponível on-line < <http://www.curriculosemfronteiras.org/>>. Acesso em: 10 mar., 2011.

_____. Política de Currículo: Mediação por grupos disciplinares de ensino de ciências e matemática. In: *Currículo de Ciências em Debate*. Campinas: Papyrus, 2004, p.45-76.

_____. O pensamento curricular no Brasil. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Currículo: Debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p.13-54.

_____. Competências na organização curricular na reforma do Ensino Médio. In: *Boletim técnico do Senac*, v.27, n.3, set./dez, 2001. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/273/boltec273a.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2011.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Contribuições de Stephen Ball para o estudo de políticas de currículo. In: BALL, Stephen; MAINARDES, Jefferson (Orgs.) *Políticas educacionais-questões e dilemas*. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2011b.

LUEDY, Eduardo. Batalhas Culturais: educação musical, conhecimento curricular e cultura popular na perspectiva das teorias críticas em educação. *Revista da Abem*, v.15, Porto Alegre: Abem, p.101-107, set., 2006.

MACEDO, Elizabeth. Aspectos metodológicos em História do Currículo. In: *Pequisa no/do cotidiano das escolas-sobre rede de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p.131-157.

MARQUES, Eduardo Luedy. Discursos de professores de música: cultura e pedagogia em práticas de formação superior. *Revista da Abem*, v.19, n.26. Londrina: Abem, p.47-59, 2011.

MOREIRA, Antonio Flávio. A crise da teoria curricular crítica. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.11-36.

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. *Revista da Abem*, v.7. Porto Alegre: Abem, p. 59-68, set., 2002.

RIBEIRO, Sonia Tereza Silva. Uma perspectiva crítica e cultural para abordar o conhecimento. *Revista da Abem*, v.5. Porto Alegre: Abem, p. 59-66, set., 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias do currículo, 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOBREIRA, Sílvia. *Disciplinarização da Música e produção de sentidos sobre educação musical: investigando o papel da Abem no contexto da Lei nº 11. 769/2008*. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Faculdade de Educação. 2012.

YOUNG, Michael. Uma abordagem do estudo dos programas enquanto fenômenos do conhecimento socialmente organizado. In: GRÁCIO, S. & STORR, S. (Orgs.) *Sociologia da Educação II*. Antologia. Lisboa: Horizonte, 1982. p.151-187.

Recebido em
06/05/2014

Aprovado em
01/07/2014

Sílvia Sobreira é Doutora na área de Currículo e Linguagem (UFRJ) e Professora Adjunta do Departamento de Educação Musical, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (Rio de Janeiro/RJ). É docente do Programa de Pós-Graduação em Música na UNIRIO.